

FICHA TÉCNICA

Título original: *What She Left*

Autor: *T. R. Richmond*

Text copyright © T. R. Richmond, 2015

Os direitos morais da autora estão certificados

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por Penguin Books Ltd., London

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria Eduarda Colares*

Revisão: *Helena Romão / Editorial Presença*

Capa: *Vera Espinha / Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2016

Depósito legal n.º 412 553/16

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para a Isabel. Por tudo.

O mundo deste livro existe *online*.
Visite o blogue do professor Jeremy Cooke
em professorcooke.tumblr.com
e dê largas à sua própria investigação.

**Dedicatória do professor J. F. H. Cooke, na
edição publicada em setembro de 2013**

*A Alice Salmon (7 de julho de 1986-5 de fevereiro
de 2012) e a Felicity Cooke (16 de outubro de 1951-).
Sem a primeira, este livro não teria acontecido; sem a
segunda, o mesmo me teria acontecido a mim.*

PRÓLOGO

Artigo publicado na revista *Arts Council*,
A Palavra Determinante, 2001

O que é que existe num nome? Era esta a pergunta a que os adolescentes deviam responder em mil palavras, na competição deste ano de Novos Talentos.

Este é o texto vencedor, de Alice Salmon, de quinze anos.

O meu nome é Alice.

Podia ficar por aqui. Sei o que quero dizer. Eu sou eu, Alice Salmon. Alta, de aspeto normal, pés grandes, cabelo que encaicola à simples menção da palavra água, um pouco ansiosa. Grande apreciadora de música, bastante dada à leitura, adoro a vida ao ar livre, embora morra de pânico se vir uma aranha.

Habitualmente, as pessoas chamam-me Alice, contudo uma vez por outra posso também ser Al, Aly ou Lissa, versão esta que, devo dizer, odeio. Quando era miúda, tinha triliões de alcunhas, como Ali Baba ou Ice e também, a minha preferida, especialmente quando dita pelo meu pai, Ace.

O meu tio chama-me Celia, que é um anagrama de Alice, ainda que eu confunda a palavra «anagrama» com «anacronismo». «É isso mesmo que eu sou», responde sempre o meu pai quando alguém diz a palavra «anacronismo», apesar de a palavra «dad»¹ ser, na realidade, um palíndromo. Aprendi isso ontem.

¹ «Pai» em inglês. No caso que a personagem Alice refere, o palíndromo só funciona com «dad». (NT)

Gosto de saber estas coisas, ainda que a Megan, a minha melhor amiga, diga que parece que engoli um dicionário. Não é que eu tenha a mania de me exibir, mas isto faz falta quando se quer seguir Língua Inglesa. Se conseguir ter as classificações necessárias, gostava de ir para Exeter ou Liverpool, mas desde que seja bem longe de Corby, é-me indiferente, embora, vá a gente para onde for, haja sempre quem queira fugir de *lá*. Para ser perfeitamente honesta, devo dizer que não vejo o dia de me ir embora; a minha mãe anda constantemente a meter o nariz nas minhas coisas. Ela garante que é porque se preocupa, mas não é justo que acabe por ser eu a sofrer por causa das paranoias dela. É óbvio que acrescentei esta parte só depois de ela ter lido o trabalho e ela nunca o irá saber porque de certeza que não vou ganhar.

Talvez que o que exista no meu nome seja a música de que eu gosto (já ouvi hoje «Dancing in the Moonlight» mais de quatrocentas vezes) ou os programas de televisão que vejo (estão perante a maior fã de *Dawson* em todo o mundo) ou os meus amigos, ou o diário que escrevo? Talvez sejam os bocadinhos de todas essas coisas de que me lembro, o que não é muito porque a minha memória é uma desgraça.

Talvez seja a minha família? A minha mãe, o meu pai e o meu irmão, que costumavam chamar-me «Piolho», «Rato» ou «Malícia»², como se fossem as melhores piadas da história da humanidade. Talvez sejam os meus filhos, embora eu não os vá ter, não obrigada: dispenso toda aquela nojeira do vomitado e do cocó. Nem sequer tenho namorado, no entanto, se o Mr. DiCaprio estiver a ler isto, posso informar que estou livre na sexta-feira...

«Vais acabar por mudar de opinião», diz a minha mãe, em relação aos bebés, mas ela também dizia isso em relação aos espargos e não mudei.

Talvez sejam as coisas que pretendo fazer, como viajar, ou as melhores coisas que já fiz, o que sem dúvida foi aquele dia de

² Trocadilho com as palavras «lice» (piolho), «mice», (ratos) e «malice» (malícia). (NT)

voluntariado na comunidade de surdos (estão a ver a minha auréola a brilhar?) ou talvez até as piores (não, de modo algum as vou admitir!).

Podia falar-vos do melhor dia da minha vida. É difícil, mas talvez tenha sido quando a Meg e eu fomos ver o Enrique Iglesias, ou quando conheci a J. K. Rowling, ou quando os meus avós me fizeram aquele piquenique surpresa pelo meu aniversário, mas o problema com o «da minha vida» é que só inclui o que se passou até agora e o amanhã pode ser melhor, portanto é preferível dizer «até hoje», em vez de «da minha vida».

Também se pode explicar o que uma coisa é dizendo que não se vai falar nela (procurei no Google e chama-se «apófase»), portanto podemos pensar que o que existe no meu nome é aquilo que eu poderia estar a fazer em vez de fazer isto, como o trabalho de casa de matemática, ou levar o *Mr. Woof* à rua.

Costumava desejar que houvesse mais pessoas famosas chamadas Alice. Não tipo *mega* famosas porque nesse caso, cada vez que alguém dissesse o meu nome, toda a gente pensaria de imediato nelas — como se me chamasse Britney ou Cherie — mas mais ou menos famosas. Há Alice Cooper, mas é um homem e nem sequer é o seu nome verdadeiro. Também há *Alice no País das Maravilhas*, que me era citada com frequência, por causa de eu ser incansavelmente curiosa, mas a minha frase preferida foi sempre aquela que diz que uma pessoa não é capaz de explicar aquilo que é porque aquilo que vê de si própria não é o que realmente é, embora nunca a tenha compreendido muito bem.

Suponho que sou também o que estou aqui a escrever, e que provavelmente é uma porcaria. Pedi à minha mãe para ler — só para verificar a ortografia — e ela disse que estava fantástico, apesar de as primeiras e as últimas linhas darem a impressão de que sou uma alcoólica, mas isso é apenas a interpretação dela. A Mãe disse que havia uma passagem ou outra em que eu devia pensar melhor, mas não vale a pena apresentar o trabalho se for uma série de mentiras, apesar de ter concordado em retirar as frases coloquiais e os palavrões — e havia muitos no primeiro

rascunho (este é o sétimo!). Também utilizo demasiados parêntesis e pontos de exclamação, mas esses ficam, de contrário (uma vez mais) isto não seria eu.

— Às vezes, assusta-me ver como somos parecidas — disse a Mãe, depois de o ler. Pois bem, não é a única. Há dias em que, mesmo que tente disfarçar, ela anda pela casa de um lado para o outro num estado de depressão como se o mundo fosse acabar. (Sim, esta frase também entrou depois da aprovação dela — é o que se chama polícia do pensamento!)

O Pai acha que devo ter caído ao chão, de cabeça para baixo, quando era bebé, porque eu e ele não temos praticamente nada em comum, embora gostemos ambos de salmão, o que não deixa de ter graça porque se pode dizer que isso faz de nós canibais.

O meu nome é Alice Salmon. Seis palavras das mil que devo escrever. Espero ser mais do que estas seis palavras repetidas 167 vezes. Mesmo que por enquanto não o seja, espero vir a sê-lo no futuro.

Agora vou terminar isto e levantar-me e perguntar a mim própria quem sou. Faço isso muitas vezes. Vou ver-me ao espelho. Tranquilizar-me, assustar-me, amar-me, odiar-me.

O meu nome é Alice Salmon.

PARTE 1

ALGO PASSAGEIRO
QUE SE
DETÉM

Fórum *online* da Southampton StudentNet

5 de fevereiro de 2012

Assunto: Acidente

Alguém sabe o que é que se está a passar ao pé do rio? Há polícia e ambulâncias por toda a parte.

Postado por Simon A, 08h07

É verdade. Está tudo cheio de polícia. O Johnny R anda lá a fazer remo e diz que a margem está toda vedada.

Postado por Ash, 08h41

Espero que não tenha havido algum acidente. Aquela barragem foi sempre uma ratoeira. A universidade já devia ter colocado ali uma proteção a sério há muitos anos. Ainda no mês passado se afogou lá um cão.

Postado por Clare Bear, 08h48

Ratoeira é capaz de ser, mas tens de andar a fazer trampa ou teres uma pouca sorte do caraças para cair à água com aqueles gradeamentos.

Postado por Woodsy, 09h20

Parece que foi um sem-abrigo.

Postado por Rebecca a bióloga, 09h54

Diz no Twitter que foi um tipo numa despedida de solteiro que subiu à ponte por causa de uma aposta. Bateu com a cabeça ao cair e ficou inconsciente. Eu costumava pescar nessa parte do rio... No inverno é terrivelmente fria. Basta uns segundos na água para se entrar em hipotermia, não há como escapar. As correntes são uma loucura. Arrastam-te para o fundo, a menos que sejas um supernadador.

Postado por Graeme, 10h14

Essa ponte foi considerada o sítio ideal para suicídios. Estou a falar a sério.

Postado por 1992, 10h20

Cambada de abutres agoirentos calem-se lá com isso — imaginem como as famílias deles se sentem ao ler estas porcarias.

Postado por Jacko, 10h40

Achas mesmo que as famílias deles andam por aqui? Só mesmo sádicos como tu e eu, Jacko, que não têm vida própria!

Postado por Mazda Man, 10h51

O meu irmão é bombeiro e diz que foi uma antiga aluna chamada Alice Samson.

Postado por Gap Year Globetrotter, 10h58

Foi uma rapariga do ano do meu irmão, chamada Alice Salmon. Uma miúda cinco estrelas, toda a gente diz.

Postado por Harriet Stevens, 11h15

Há montes de Alice Salmon no Facebook. Parece que só uma é que andou aqui na universidade. Não há nada de novo no mural dela desde ontem à tarde quando escreveu «Mal posso esperar para ir logo à noite ao Flames». Quer dizer que ela ainda vivia em Southampton, então?

Postado por KatiePerryfan, 12h01

OMG³. Acabei de saber da Alice Salmon. Nem sequer a conhecia e estou de rastros. Não tinha filhos, pois não? Por favor alguém me diga que NÃO é verdade.

Postado por Orphan Annie, 12h49

O local está a deitar por fora com polícias. Literalmente. Tantos? Para quê? Não foi um acidente?

Postado por Simon A, 13h05

B'tarde a todos. Eu fui colega dela, se for «a» Alice Salmon. Vivia em Portswode, no último ano do curso, em Polygon. Trabalha na imprensa, em Londres, apesar de nunca me ter parecido do tipo «jornalista».

Postado por Gareth1, 13h23

Alice o Peixe, era como lhe chamávamos! Não posso acreditar que seja verdade. E se fizéssemos uma página de homenagem no Facebook?

Postado por Eddie, 13h52

Então os peixes não sabem nadar?

Postado por Smithy, 13h57

Vai-te f***r Smithy, não é altura. C*****o.

Postado por Linz, 13h58

Ela não namorava com um tipo qualquer de Soton? Era aquela das sardas, verdade? Que andava sempre de chapéu?

Postado por Not so plain jane, 14h09

Muito em breve a universidade emitirá uma declaração oficial sobre o assunto, portanto, até lá, não é apropriado este *site* continuar a receber comentários de qualquer tipo, pelo que se suspende o fórum a partir deste momento.

Postado por Administrador do StudentNet Forum, 14h26

³ *Oh my God* (Oh meu Deus). (NT)

Carta enviada pelo professor Jeremy Cooke, 6 de fevereiro de 2012

Meu caro Larry,

Ouvi por acaso as notícias. *Ouvi por acaso*, achas isto possível? E, para mais, na SCR⁴. Pode ouvir-se por acaso que um dos nossos colegas deu uma pequena batida com o carro novo, ou que a Tesco está a projetar abrir um novo supermercado na circunvalação, ou que o nosso representante no Parlamento perdeu o assento numa eleição parcial, mas nunca a notícia de uma morte.

Foi hoje de manhã e eu estava concentrado nas palavras cruzadas do *Times*. — Nome de batismo de um código, com nove letras — murmurei. — Sete, vertical.

Ninguém respondeu. Na minha frente estendia-se a perspectiva do purgatório de três horas de aulas com os primeiros anos. Em meu redor, as conversas continuaram como se nada fosse.

— É verdade, e a morte daquela antiga aluna? — desferiu o Harris. Fez-se silêncio enquanto todos esperavam pelo desenvolvimento. O pequeno oportunista foi sempre bom a manipular a audiência. — Deram tudo ontem, na televisão. Afogou-se no rio.

Tinha-me passado despercebido. Na verdade, na maior parte das vezes não tenho paciência para ver os noticiários, normalmente são má informação, uma data de lixo sensacionalista e deprimentemente previsível. Sempre pensei que a evolução nos deveria ter tornado mais civilizados. Para além disso, estive a tratar da terra do jardim para as novas plantações.

— No *Points South* diz que ela era muito boa nadadora — acrescentou alguém.

— Sim, mas o *Points South* também diz que o aquecimento global não está a acontecer! — respondeu outra pessoa.

⁴ *Senior Common Room*. Nalgumas universidades do Reino Unido e da Irlanda, alunos e corpo docente constituem *common rooms* — grupos que gerem o planeamento do quotidiano dessas instituições, fazendo funcionar serviços como lavandaria, lazer e vida social. (NT)

Nada como uma morte para dar um pouco de animação à conversa na SCR. Perguntei-me se irão ter uma reação semelhante quando eu partir.

— Fui professora dela — disse alguém do grupo de Inglês.
— Era a jovem Salmon.

Senti que o jornal me fugia das mãos. Oh meu Deus. A Alice, não. Não, a Alice não, por favor, qualquer pessoa menos a minha Alice.

— Uma entusiasta da Plath, previsivelmente — acrescentou.
— Boa rapariga. Muito inteligente.

Mais vozes. Uma pessoa que andava a passear o cão encontrou-a; ao princípio, pensou que era um saco de lixo. Uma teoria que começava a ganhar consistência era que ela estava num grupo de raparigas em fim de semana e algumas tinham andado a divertir-se, num barquito.

— A Alice Salmon, que saiu em 2007? — perguntei, com o ar mais desprendido que me foi possível.

— Essa mesma — respondeu o Harris.

— Alice, Alice, mas quem raio é a Alice? — casquinou um dos pós-graduados, nitidamente numa piada privada.

Isto não te diz respeito, Jeremy, disse para mim próprio. *Já não te diz respeito. Concentra-te nas palavras cruzadas. Vai ensinar àquele rebanho bovino de caloíros o que é a diversidade intercultural nas relações de parentesco. Vai à consulta que está marcada no hospital e depois vai para casa cozinhar aquele robalo.* O problema era, Larry, que no meu cérebro se alojara uma imagem da Alice. Tentei imaginá-la serena, em repouso, como a Ofélia, do quadro do pintor Millais, flutuando de rosto para cima, com o vestido a boiar nos remoinhos e flores. Só que o rio Dane não é a corrente límpida e fresca imaginada por John Everett Millais; é suja e traiçoeira, cheia de escombros e de ratazanas. Durante o tempo que levei a não solucionar outras três pistas das palavras cruzadas — habitualmente completava o quadro enquanto tomava o café, mas parece que estou a perder qualidades —, ela sofrera uma transformação e era agora uma pessoa diferente daquela que eu recordava: jogava ténis a nível regional, tinha um temperamento difícil e falava francês como uma francesa. Tanto quanto sei, nada disto era verdade.

— Segundo todos dizem, ela era mesmo boazona — disse um dos novos.

— Pelo amor de Deus — deixei escapar —, ouçam o que estão a dizer, parecem abutres.

— Cuidado com os ataques de coração, avozinho — zombou ele.

Alguém referiu a piada sobre o facto de o cabelo e as unhas continuarem a crescer depois de morrermos, mas os telefonemas foram rareando, o que desviou o tema da conversa: o serviço público de saúde e Leveson, a mais recente rodada das negociações sobre acordos salariais, a situação na Síria. Recordei a sua cerimónia de formatura. A minha presença na assistência não provocou espanto. Porque é que havia de provocar? Eu era um membro respeitado da faculdade. Um elemento da instituição; parte dos equipamentos e acessórios. Queria apenas desejar aos finalistas de 2007 uma boa viagem; acompanhá-los numa entrada segura no vasto mundo. Mantive-me discretamente ao fundo — o que poderia bem ser o meu epitáfio, se alguma vez houver algum — e observei a Alice, já tão crescida e prestes a partir. Estava perfeita, no seu traje académico. Gostaria imenso de ter encontrado lá a mãe, mas ou não a vi, ou ela me evitou. Elizabeth. *Pobre* mulher. Como é que ela terá recebido as notícias? Provavelmente através da polícia; com certeza que foram a casa dela, em vez de telefonarem. Sabe Deus o que irá ser dela; era uma alma delicada em relação à maior parte das coisas. Lembro-me de como ficava quando chorava. É da mãe que estou a falar agora, não é da Alice. Do mecanismo peculiar da dor quando se manifestava nela: como o rosto mudava de forma, como todo o seu corpo mudava. Larguei o jornal. Sentia-me à beira das lágrimas e há uns bons vinte e cinco anos que não choro.

— Endeavour — anunciou o Harris, do outro lado da sala. — Nome de batismo de um código. *Endeavour*, era o nome próprio do inspetor Morse.

Ele tinha razão. O raio do sabe-tudo tinha mesmo razão.

Peço-te desculpa por descarregar mais uma vez em ti, Larry, mas tu és a única pessoa com quem posso ser honesto. O simples

gesto de pegar na caneta (uma carta escrita à mão, mas que maravilhosos dinossauros que nós somos) e começar com a minha saudação habitual é tão reconfortante para mim. Não são necessárias formalidades, nem artifícios, posso ser eu próprio. Agrada-me não precisar de te pedir para não falares nisto a quem quer que seja, pois as repercussões neste momento serão inevitáveis.

Ela não merecia morrer, Larry.

Sempre teu,
Jeremy

* * *

Biografia de Alice Salmon no Twitter, 8 de novembro de 2011

Tweeter ocasional, compradora frequente. Opiniões (na maioria): as minhas próprias. Manusear com cuidado. A quem encontrar pede-se que devolva ao remetente. Entretanto, para mim é um *latte* magro, sem espuma...

* * *

Extrato do diário de Alice Salmon, 6 de agosto de 2004, 18 anos

Quem me dera ter uns pais normais.

Ainda há pouco a minha mãe entrou de rompante pelo meu quarto e atirou-se para cima da cama para ver se conseguia sacar alguma coisa de mim. — Como é que te sentes? — perguntou.

A última coisa de que eu estava a precisar era de um sermão. O quarto estava todo a oscilar. — Deixa de ser uma obcecada do controlo — disse-lhe.

— Só estou preocupada.

Eu gosto mesmo dela, mas se ela me amasse tanto como diz, deixava-me em paz.

— Quando se está bêbado acontecem coisas graves — disse ela, afagando a minha testa.

Mesmo típico dela, a mania de encarar a vida como uma série de tragédias à espera para acontecerem. Pois, é possível que tenha sido assim com ela, mas comigo não vai ser. — Quando se está sóbrio acontecem coisas graves — respondi, enigmaticamente.

— Por uma vez só, ouve o que eu te digo, Alice!

Isso era também uma calúnia porque passei a maior parte da minha vida precisamente a ouvi-la, não tinha opção. — Mal posso esperar pela hora de me ir embora — disse eu. Estou a contar os dias que faltam. Assim que chegue o fim de setembro, Southampton, aí vou eu. A Mãe recusava-se a aceitar a minha escolha, insistia em que eu devia ir para Oxford, dizia que era coisa de malucos recusar uma oportunidade dessas. É mesmo típico da minha mãe — sempre pronta a dar conselhos, desde que não vá contra as suas ideias. Desde que eu corresponda à imagem que ela tem encasque-tada na cabeça: a aluna esforçada e trabalhadora, com notas máximas, que arranja um marido simpático e 2,4 filhos, ou então que me transforme numa freira abstinência. Pois bem, quanto a eu ir para Oxford com um bando de betos, isso estava fora de questão. Agora resolveu também insistir em que eu tenho de voltar para casa antes da meia-noite na próxima sexta-feira e, vindo do nada, anunciou ontem que não tinha a certeza de me deixar ir à V. — Talvez fosse uma ideia *tu* beberes. Talvez ficasses menos chata — disse eu.

Ela começou a apanhar a minha roupa do chão, dobrada ao meio como uma velhinha, e a atirá-la freneticamente para dentro do cesto da roupa suja. Estava absolutamente insuportável.

— Pelo amor de Deus, larga as minhas coisas! Sempre a meteres-te na minha vida!

Fez então o número do costume, mordeu o lábio e ficou com o ar de um balão esvaziado no fim da festa. — Bem, desculpa por me preocupar com o bem-estar da minha filha. Peço desculpa por te amar!

— Não é nada disso, o que eu queria dizer era...

— O que é que tu *querias* dizer exatamente?

— Tu és tão santimonial — disse eu, alardeando a minha nova palavra preferida. Quando era miúda, tinha o hábito de incluir

uma palavra nova cada vez que escrevia no meu diário, escolhendo de preferência uma com muitas sílabas ou erudita (ou que tivesse sido), referências complicadas que impressionariam quem quer que se deparasse com os meus rabiscos, embora eu não permitisse que ninguém se aproximasse deles. Agora que desapareceu todo esse espólio de velhos diários — queimado — esta, caro leitor, é a edição maiores-de-dezoito. Aqui estão os pedaços de mim que as pessoas não veem. É como a caixa negra de um avião. Podia escrever tudo isto onde quer que fosse, já que aqui ninguém me dá ouvidos, podia até ser invisível.

A Mãe diz que vai ficar louca de saudades minhas quando eu voar do ninho e não consigo senão imaginar-me como um pássaro bebé, daqueles grandes e feios como uma avestruz ou uma cegonha, não elegante e gracioso, e lembrando-me disso quando ela estava no meu quarto fez-me desejar poder rebobinar os últimos minutos. — Porque é que *não* bebes? — perguntei.

— É uma história muito comprida — respondeu ela. — É complicado.

Mas até isso me irritou. Vida complicada era a minha. Ela limitava-se a ir para o seu estúpido emprego na sociedade imobiliária, usar o distintivo que diz «Elizabeth Salmon Consultora Financeira» e dar dinheiro às pessoas que não têm possibilidades de pedir um empréstimo, ou não dar às que têm. Ela nunca se refere à sua carreira académica, mas deve ter sido um milhão de vezes mais interessante do que trabalhar numa rua de luxo. Pensei de novo na V — os textos enviados pela Meg a chegarem, as fotografias da Pink e dos Kings of Leon no palco, recortados contra um fundo de braços erguidos ao sol — e senti uma guinada de fúria. — Tu tens é inveja — disse eu.

— De quê, exatamente?

— De eu ter uma vida. Isto aqui parece mais um cemitério.

No minuto em que ela abandonou o quarto, perdi os sentidos.

Um pouco mais tarde, desci para a cozinha e a Mãe estava a carregar a máquina de lavar louça. Pus pão na torradeira. — Como é que te sentes agora? — perguntou ela. — Podíamos ir dar uma volta, mais logo, se te apetecer, o ar fresco ajuda.

Dei uma dentada na torrada. Não sabia a nada, mas causou-me agonias.

— Aquilo que tu disseste, Alice, não estás convencida disso, pois não?

Naquele momento não conseguia lembrar-me exatamente do que *tinha* dito. Dentro de mim tinha havido um motor a funcionar, aquela coisa que me faz dizer o que não devia, fazer o que não devia e agora sentir-me uma merda — merda da ressaca, mas merda pura e dura, também — simplesmente má. Pousei a mão na manga do seu roupão cor-de-rosa desbotado (o Pai comprou-lho, num aniversário dela — eu ajudei-o a escolher, OK, escolhi-o *por* ele) e senti-me envergonhada.

Passou-me pela cabeça que provavelmente ela não era feliz, tão simples quanto isso. Dei-lhe um grande abraço, chorei um pouco e ela esperou.

— Vá lá, querida, vá — disse, afagando-me as costas. — Deixa sair tudo cá para fora. Não foi nada. Os pais têm de deixar os filhos crescer, mas também têm de os deixar partir. Um dia hás de compreender isso.

Fiz uma careta.

— É tudo para o futuro — disse ela. — Antes de lá chegares ainda tens muito que andar. Para começar, a universidade. Imaginem, os meus dois bebés na universidade.

Atualmente é raro vermos o Robbie, desde que está em Durham. Este verão estive na Austrália, o sortudo; recebi fotografias de praias e mensagens tipo «Como é que está Corby, perdedora?».

O Robster acha que a única coisa que eu faço é andar a arrastar-me por aí, a dormir pelos cantos, porque as únicas histórias que lhe chegam aos ouvidos são as das minhas bebedeiras, mas isso é um centésimo — pronto, está bem, digamos que é um décimo! — da minha vida. Depois há as corridas, as pilhas de trabalhos para a escola e o voluntariado de apoio aos sem-abrigo, para além de que tive dois empregos — sim, não é que isso faça de mim uma Stella Rimington ou uma Anita Roddick, mas servi à mesa num bar. E substituí pessoal no centro de ocupação de tempos livres.

— Desculpa aquilo de há bocado — disse eu. — Sou tão estúpida.

— És mesmo filha da tua mãe.

Depois navegámos um pouco, lemos o *site* da NUS⁵ e vários *sites* de universidades, para verificarmos o que era preciso levar (a lista cresce de dia para dia!) e observámos as fotografias de raparigas a jogar hóquei ou a passear em grupos de duas e três por entre edifícios de tijolo, com os livros debaixo do braço e agitando no ar o chapéu do traje académico — pareceu-nos tudo muito irreal. A minha partida está para breve.

— Vai correr tudo bem, amor — disse a minha mãe, lendo-me o pensamento. — Vai correr tudo muito bem.

Talvez isto, pensei, sentada à mesa da cozinha, *seja nostalgia* — o zumbido da máquina de lavar louça, o cheiro do soalho de madeira, o silvo da chaleira —, *talvez seja isto que eu virei a recordar, de que irei sentir a falta*. Mr. Woof saltou e veio aninhar-se no meu colo. É como se até ele soubesse que eu me vou embora.

— Como é que te sentes, quando bebes? — perguntou a Mãe.

Estou quase a responder que me sinto horrível, mas recordo-me da noite passada. Os Peppers estavam a tocar e um dos rapazes estava a dançar em cima de uma mesa e eu tinha bebido um enorme trago de *punch*, tinha sentido o sabor intenso do ananás e bateu-me a ideia de que seria maravilhoso se a vida se mantivesse exatamente assim, para sempre. — Acho que me faz sentir assim, não sei, melhor — respondi. — Faz-me sentir que sou outra pessoa, que não sou a Alice.

— Minha querida — disse ela. — Isso é uma ilusão. O que sentes quando estás carregada de *gin* não é real.

— Odeio *gin* — respondi.

— Não tive essa sorte — disse ela, meio a sorrir. — *Isto* é a realidade. A manhã seguinte, o arrependimento, a vergonha, nós a discutirmos, que é o pior de tudo — embora essa parte se resolva, resolvemos sempre, tu e eu. — Ela estava a passar a mão pelo meu cabelo, como fazia quando eu era pequenina. — Que bonita que és, estás a ver — disse.

⁵ National Union of Students — confederação das associações de estudantes do Reino Unido. (NT)

— Detesto discutir contigo — lamentei-me.
— Também eu.
— És de longe a melhor mãe que tive, até hoje! — disse, a rir e a limpar o ranho do nariz.
— E tu és de longe a melhor filha que tive, até hoje.

* * *

Carta enviada pelo professor Jeremy Cooke, 7 de fevereiro de 2012

Larry,

Duas cartas em dois dias deve ser um recorde — é-o, de certeza, no que se refere à nossa troca de correspondência mais recente.

É assustador ver como a morte liberta o que há de pior nas pessoas. Os estudantes têm-se banqueteados, positivamente, com esta história da Alice, ainda que neste grupo de agora ninguém a tenha realmente conhecido. Como podes imaginar, a fábrica de fazer boatos do *campus* entrou em trabalho intensivo — substituiu o tempo no Ártico como principal tópico das conversas. Os estudantes agarraram-se aos computadores, aos portáteis e iPads para debaterem teorias. Abanam as cabeças e acenam entusiasticamente na cantina e nas salas de leitura e ficam por ali, batendo com as botas no chão para sacudir a neve, a espalhar mexericos, em grupinhos enregelados, no relvado diante do meu gabinete. E cá estou eu de novo, velho companheiro, a referir-me àquilo como *relvado*: esse hábito que criei nos tempos em que acalentava pretensões a Oxbridge; na realidade, não passa de um espaço em cimento onde os estudantes se arrastam, sem destino, como numa metáfora apropriada ao seu futuro, se é que alguma vez vão ter um.

Na segunda-feira abandonei a SCR e regressei de bicicleta ao meu gabinete, faltando às aulas que tinha para dar, fingindo-me doente (uma ironia) e pesquisei Alice na Internet. Encontrei imensas Alices Salmon, mas em breve descobri a que me interessava. A comunicação social estava a transbordar com o tema; quem é que disse que burro velho não aprende línguas, hein, Larry? É assim

que isto das notícias funciona, atualmente: como num gigante e grotesco jogo de «Passa a Palavra». Migalhas de boatos, pontas soltas de conversas, pepitas de informação reciclada apanhada no ar. Mas quanta imbecilidade: ela não era uma loira burra, não era uma feminista militante, não era uma estrela de Fleet Street. É tudo tão estupidamente redutor. Vi-a descrita em vários sítios como despreocupada, perfeita, irresponsável, cheia de pouca sorte, elegante, gorda, lindíssima, uma num milhão.

— Não — ouvi-me protestar. — *Parem com isso.*

Será assim que os jovens fazem hoje o luto? Aquele psiquiatra com quem tive um breve namoro há muitos anos (deve ter sido pouco depois de ter conhecido a mãe da Alice, como provavelmente te lembrarás) costumava dizer que a dor tinha de ir para algum sítio.

Li tudo o que encontrei sobre a Alice ou escrito por ela. «Foste para o pé dos anjos» — tinha alguém escrito na página dela do Facebook, o que me fez sentir um aperto de tristeza. Pelo menos atinem com o raio da ortografia. Copiei tudo para o ambiente de trabalho do meu computador e senti-me invadir por uma surpreendente sensação de satisfação, de calma. Já estava. Agora tinha um bocadinho dela. Chocou-me pensar que se tinha descoberto tudo aquilo nuns escassos minutos, quanto é que seria capaz de descobrir se escavasse mais fundo. Gostaria de poder manter a esperança de sermos mais do que a soma de todas as nossas partes. Até mesmo eu. Um professor universitário de sessenta e quatro anos, cujo lugar no mundo nunca foi totalmente definido.

Acabei de reler este texto; li-o em voz alta porque gosto de ter a noção do ritmo. Contudo, há algo de horrível no som das nossas próprias expressões; é como se estivéssemos a ouvir outra pessoa. As vogais arrastadas, pegajosas, marca da escola pública; nem o mais leve vestígio de Edimburgo. Que estranho, a minha voz soar assim. *Old Cookie*. Foi isto que os alunos tiveram de ouvir durante todos estes anos, pobres trastes? Tenho procurado recordar a voz da Alice. Um sotaque difícil de localizar. Pais em grande mobilidade social. Uma inflexão de escola secundária. Projetada no meio de risos. Para onde foi agora a voz que um dia me disse: «Porque é que me trata como se eu fosse especial?»

Tenho dificuldade em contactar a Elizabeth, mas posso falar com alguns dos amigos e colegas da Alice. Posso falar com o irmão. Localizei-o no *site* da empresa onde trabalha, juntamente com uma biografia resumida e uma fotografia a preto e branco. Robert. Não se parece muito com a irmã, nem com a mãe. Também não foi difícil encontrar o rasto dos amigos dela. Trabalham em *marketing*, no ramo imobiliário e no financeiro; alguns têm jovens famílias, pequeninas Sophies e pequeninos Georges. Os filhos que a Alice nunca chegará a ter. Entrei em contacto com eles, um por um. «Não nos conhecemos», assim começava a minha mensagem, «mas temos algo em comum...»

Investigar, registar, organizar — sim, esse é o papel do antropologista. Larry, tu não crês que poderia proporcionar à família um pouco de conforto, quem sabe se mesmo de felicidade, se eu conseguisse reunir alguma informação? Insuflar nela o sopro da vida uma vez mais? Fazê-la dançar uma vez mais, porque ela sempre foi uma bailarina inata. Deve ter herdado isso da mãe: a Elizabeth adorava dançar.

Seria muito importante para mim saber a tua opinião sobre isto. Apesar das tuas credenciais, foste sempre muito mais sólido do que eu, foste sempre visto como — uma frase horrível, reconheço — um homem do povo, apesar de eu te considerar exclusivamente *meu*. Foste sempre a única pessoa a quem pude recorrer. «Inspiração» é uma palavra muito gasta, mas foi efetivamente o que tu sempre foste para mim. Tu nunca me julgaste. E eu nunca conseguirei retribuir-te, embora ainda esta semana tenha incluído os teus filhos no meu testamento.

Ah, a deliciosa satisfação da escrita cursiva. Quando era criança, preocupava-me muito por a minha caligrafia estar sempre a mudar de estilo: temia não conseguir tornar-me um adulto enquanto a caligrafia não estabilizasse. Então seria finalmente eu, plenamente formado. Como é que as pessoas hoje conseguem desenvolver esse sentido de identidade, se escrevem todas nos teclados? Estou perfeitamente decidido a continuar a corresponder-me contigo nesta forma. É uma das nossas tradições, um dos nossos segredos. Um dos muitos que temos.

Não ficarás surpreendido por saber que estas notícias sobre a Alice me aniquilaram completamente. Não vou fazer de conta que tal não aconteceu; qual seria a vantagem? Por muitas pessoas que tenhamos enganado nas nossas vidas, *nunca* mentimos um ao outro. Foi esse o nosso pacto: nada de mentiras. Num mundo em que os segredos são omnipresentes, a nossa honestidade foi sempre uma das raras constantes da vida. Tu és como uma bússola para mim.

«Parceiros no crime», disseste um dia, por brincadeira.

Reuni toda a informação numa pasta com o nome de «Salvar Alice». Dar-lhe este nome fez-me rir; atribuir o título a um trabalho foi sempre uma das minhas partes preferidas. A primeira resposta de uma das suas amigas chegou passados dez minutos.

Esquece Ofélia, é Alice Salmon que eu vou pintar.

* * *

**Post no blogue de Megan Parker,
6 de fevereiro de 2012, 22h01**

Comprei-te um cartão, mas o que é isso para ti? Como é que um cartão pode oferecer um grão, ainda que o mais ínfimo, de consolo? Alice morreu. Alice, a minha melhor amiga, morreu. Nunca tinha conhecido ninguém da minha idade que tivesse morrido. É tão injusto, tão impróprio, tão irreal — é como se nos viessem dizer que está uma girafa no jardim. Não consigo parar de chorar. Como é que é possível que tenhas partido? Como é que é possível que tenhas morrido e que as outras pessoas continuem a viver? Assassinos, violadores e escumalha do género, a andar por aí, a respirar, a comer e a passear? Não existe justiça quando alguém tão maravilhoso como tu pode morrer. Não partiste por um dia, ou uma semana, ou um mês, nem sequer por um verão todo, como quando trabalhaste na Center Parcs, mas para sempre. Não quero deixar afundar-me em pensamentos relativamente ao que sinto ou durante quanto tempo me vou sentir assim.

Não conseguia suportar a ideia de estar sozinha, por isso voltei para casa, para os meus pais. O Pai afirma que tem de haver uma autópsia

porque é obrigatório sempre que uma pessoa morre inesperadamente. «Pobre rapariga, que ainda tem de passar por mais isso», disse ele.

Onde estás? Para onde é que te levaram? Sei de vários sítios onde não estás — não estás no cimo daquela colina, nos Lakes, comigo, com a Chloe e a Lauren, com as mãos pousadas sobre o marco geodésico. Não estás naquele restaurante tailandês onde costumávamos ir, em Clapham High Street (um restaurante, *imagina só*, Alice, como já somos adultas!). Não estás no *minibus* do clube de hóquei, a cantar em coro o «Amarillo». Há tantos lugares onde tu não estás neste momento. Lá está de novo a girafa no jardim: onde tu *não estás*. Mas quando olho lá para fora, não está lá nada, apenas o baloiço enferrujado onde tu e eu costumávamos brincar, contando uma à outra segredos e fazendo planos para quando crescêsemos, dos quais tu só realizaste alguns, e precisamente quando estavas já a compreender a vida, minha miúda tonta, ela fechou-se para ti. Não é justo, mas quando eu te dizia isto, tu costumavas responder que o mundo não é justo, que estava cheio de injustiças e que se as pessoas abrissem simplesmente os olhos não poderiam deixar de as ver.

Mandeí o cartão pelo correio para os teus pais. Um cartão estúpido com uma flor cor-de-rosa na frente e, por baixo: «Com o mais profundo pesar.» Parece surreal que seja por *ti* que sentimos o mais profundo pesar. Eles vão sentir tanto a tua falta. O Robbie também. Como eu gostava de saber o que é que tu queres que eu faça em relação ao Luke, se o devo odiar ou não porque algo dentro de mim tem a certeza de que vocês se voltariam a juntar.

Somos amigas desde os nossos cinco anos de idade. Sempre unidas no melhor e no pior... na escola e nas parvoíces dos namorados e, mesmo quando chegou o momento de ir para a universidade, fomos juntas. Não porque fôssemos tímidas, mas porque Southampton era um lugar fantástico e foi fabuloso ter-te lá, apesar de tu te teres relacionado muito mais com a elite do que eu alguma vez consegui!

Quem é que vai agora ter mão em mim e dizer-me que eu sou esquisita por ter uma tendência para homens mais velhos?! Fartaste-te de gozar porque achavas que nós éramos as duas casos perdidos, lembraste? Tu a passares por todos os problemas com o Luke e eu a sonhar com o George Clooney mas preparada para aceitar o Harrison Ford, por difícil que pudesse parecer.

«Gente que é gente morre aos vinte e sete anos», disseste tu depois da *overdose* da Amy Winehouse, mas só o disseste para provocar a polémica. Fazias isso muitas vezes e nem chegaste aos vinte e sete. Morte — que palavra horrível, que palavra detestável. Corre por aí toda a espécie de teorias, mas afinal, o que é que andavas a fazer no rio? Tu detestavas água.

Alice, querida, espero que não te importes que eu publique isto no blogue. Tu terias provavelmente feito o mesmo. «Deita cá para fora», costumavas dizer. «Atira para fora a dor. Manda-a de volta para o mundo.»

Falei hoje com a Chloe e a Lauren. Não dissemos grande coisa; só chorámos. Também liguei aos teus pais, mas a chamada foi logo para o atendedor. Temos todos de ser fortes por eles, agora: o teu maravilhoso pai com as suas camisolas malucas e aquela maneira só dele de dizer *Al-ice*, fazendo uma pausa entre o «Al» e o «ice», como se estivesse a fazer uma pergunta, e a tua mãe, a tua lindíssima mãe, uma mulher cheia de energia, de que tu és a imagem exata e a quem saíste em tantos aspetos, mas a partir de agora não saís já a ninguém, em nenhum aspeto. Acabou, uma linha foi traçada por baixo de ti, a derradeira página do livro da tua vida, e agora existe um enorme vazio onde tu, o teu riso, o teu PAVOROSO gosto musical e as tuas HORRENDAS *leggings* deveriam estar.

Acabei de ligar para o teu telemóvel só porque queria ouvir a tua voz. *Não estou. Obviamente. Mas adorava falar consigo, por isso, por favoooooor, deixe ficar uma deliciosa mensagem e em breve estaremos a conversar.*

A minha mãe entrou aqui e disse que temos de recordar os bons tempos porque é assim que as pessoas continuam a viver. Olhei por cima do seu ombro para o baloiço ferrugento. «Está uma girafa no jardim», disse eu.

Ela deve ter pensado que eu estava louca.

Uma luz apagou-se. Amo-te, Alice Palace...

* * *